

UMA CONTRIBUIÇÃO AOS ESTUDOS SOBRE REPRESENTAÇÃO, À LUZ DO CONCEITO DE GÊNERO

MARIA INÊS DETSI DE ANDRADE SANTOS*

Introdução

Nas últimas décadas, os estudos feministas têm se voltado, com maior interesse para o campo simbólico, afirmando o papel central das representações sociais no processo de constituição das subjetividades. Tais estudos apresentam preocupações com relação à reprodução e manutenção de estereótipos¹, considerando que estes podem contribuir para justificar e reforçar as desigualdades de gênero.

As análises de representações no âmbito dos estudos feministas se dão a partir da construção de um quadro conceitual que tem como categoria central de análise o conceito de gênero, sendo este concebido como uma construção sócio-cultural que envolve quatro fatores: a esfera institucional, o plano da subjetividade, um conjunto de normas e o campo simbólico (Scott, 1989: 14). Sua compreensão exige, portanto, que se considerem as diversas práticas institucionais, as experiências dos sujeitos masculinos e femininos, as regras de comportamento, prescritas pelos diversos discursos sociais e os valores e símbolos que dão significado às relações sociais e às vivências subjetivas.

Nesse sentido, os estudos de gênero têm sido contemplados com análises tanto na esfera das vivências sociais, como no campo simbólico, buscando, dessa maneira, não só compreender as dis-

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade abordar questões relativas ao conceito de Gênero e à sua aplicação nas análises sobre representações. Discorre, inicialmente, sobre Gênero, apontando suas especificidades enquanto categoria analítica. Em seguida, discute sobre o conceito de representação, tecendo considerações acerca dos processos de produção simbólica. Por fim, focaliza determinados discursos que dão suporte às representações de gênero, nas sociedades ocidentais modernas, apresentando modelos de feminilidade e de masculinidade presentes naqueles discursos sociais.

ABSTRACT

A CONTRIBUTION TO THE STUDIES OF REPRESENTATION UNDER THE LIGHT OF CONCEPT OF GENDER.

This piece of research aims at dealing with questions related to the concept of gender and its application in the analysis of representation. At first, it discusses about Gender, pointing out its specificities as an analytical category. Secondly, it deals with the concept of representation, considering the processes of symbolic production. At last, it focuses on certain discourses that support gender representations in modern Western societies, presenting models of femininity and masculinity present in those discourses.

* Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará, professora da Universidade de Fortaleza, leciona nos cursos de Ciências Sociais e Psicologia.

tintas formas de relação entre o feminino e o masculino e o comportamento diferenciado de homens e mulheres, mas também o significado destas diferenças e hierarquias, no âmbito da linguagem. Como afirma Lauretis (1994: 212), gênero é também um aparato semiótico: “um sistema de representações que atribui aos indivíduos, dentro da sociedade, significado (identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, status dentro da hierarquia social etc.)”. O gênero define espaços – “lugares sociais” – confere valores, constrói diferenças. Constitui, e ao mesmo tempo justifica, hierarquias. É, simultaneamente, ação, relação e representação.

Neste trabalho, abordarei, especificamente, o campo das produções simbólicas, focalizando as representações de gênero em sua relação com os contextos sócio-discursivos, apresentando, ao longo da discussão, os modelos de feminilidade e de masculinidade que ganharam legitimidade nas sociedades ocidentais modernas.

As representações de gênero no contexto dos discursos sociais

Los filósofos mostraron que el ‘sujeto’ no puede definirse em sí y por sí. Necesita actos y acciones, motivaciones y fines, otros

sujetos y cosas y 'propiedades' para definirse. No es adecuado ni para su consciencia ni para sus actos. Se transgrede si tregua sin por ello transcendere. Se representa. (Lefebvre, 1983: 167).

A maior parte dos estudos de representação tem, como foco central, representações e imagens femininas, abordando preferencialmente essa problemática no contexto dos meios de comunicação, especialmente cinema, televisão, literatura e as denominadas 'revistas femininas'.

Referindo-se aos produtos midiáticos (no caso, as imagens produzidas pelo cinema), Lauretis (1992: 67-93) aponta para a complexidade da relação destes com os espectadores e cita diversos fatores que estão presentes na construção das imagens e nos processos de percepção e de significação, construídos pelos espectadores. Segundo a autora, diversos fatores históricos intervêm na criação de imagens por parte dos produtores como, por exemplo, os discursos sociais, as codificações de gênero, as expectativas de audiência, além da produção inconsciente, da memória e da fantasia. A percepção, por sua vez, não se dá de forma direta como supõe o sentido comum, mas através de uma série continuada de conjecturas, em virtude de conhecimentos e expectativas prévias ainda que inconscientes. Nem a percepção nem a significação são reproduções diretas ou simples (cópia, minese, reflexo), já que os signos são produzidos sempre em um contexto comunicativo, estando sua (re)produção dentro de um processo de enunciação e de interpelação que exige a projeção de outros elementos, implicando recordações, expectativas, desejo, dor, enfim, "toda a história descontínua do sujeito".

Thompson (1995: 180), referindo-se à produção e troca das formas simbólicas (ações, gestos, rituais, manifestações verbais, obras de arte, produtos da mídia etc.), afirma que estas:

"... são sempre produzidas ou realizadas em circunstâncias sócio-históricas particulares, por indivíduos específicos, providos

de certos recursos e possuidores de diferentes graus de poder e autoridade que lhes são conferidos socialmente; e que esses fenômenos significativos, uma vez realizados, circulam, são recebidos, percebidos e interpretados por indivíduos situados [também] em circunstâncias sócio-históricas particulares, utilizando determinados recursos para captar o sentido dos fenômenos em questão."

É nesse contexto das produções simbólicas que se constroem e se reproduzem as representações. Para Lefebvre² (1983: 94-95), as representações têm um suporte social e um conteúdo prático irreduzível, que se constituem nos sujeitos falantes e atuantes dos grupos e classes sociais em relações conflituosas. Provenientes dos sujeitos, porque também 'vêm de dentro, contemporâneas à constituição do sujeito, tanto na história de cada indivíduo como na gênese do indivíduo a nível social', não podem, contudo, ser concebidas como 'fatos psíquicos', ainda que motivem os atos, pois só surgem nas relações, não sendo interiores ao sujeito por essência, uma vez que contribuem para constituir o sujeito – o indivíduo social – 'atravesando-o' (id ibid, 1983: 1999-200).

Dessa forma, sem reduzir-se a uma subjetividade já que possuem também objetividade e, por outro lado, não sendo fatos sociais "análogos a coisas, por não possuírem uma consistência própria", as representações seriam, para Lefebvre, 'fatos de linguagem' relacionados com as palavras ou significações, tendo como suporte o discurso e a prática social.

Situando-se entre o 'vivido' (vivência do corpo e da subjetividade em nível coletivo, social, nas relações sociais) e o 'concebido' (saber, ciências, conhecimento, emprego legítimo dos conceitos etc.), as representações fazem um papel mediador, deslocando-se entre os dois extremos, interpretando a vivência e a prática (Lefebvre, 1983: 28).

É esse papel mediador das representações que permite a existência, ao mesmo tempo, na re-

alidade, de imagens, valores e idéias que não correspondem *ipso facto* às vivências sociais.

Para ilustrar essa questão, podemos citar um estudo feito pelo Instituto Catalão da Mulher (1988), com a finalidade de identificar e quantificar a presença feminina nos textos jornalísticos. O estudo conclui que, apesar da participação feminina já ser bastante expressiva, nas diversas esferas sociais, as mulheres estão subrepresentadas na imprensa escrita, tanto com respeito ao papel de autoras, como ao de protagonistas. A partir dessa constatação, os autores colocam a seguinte questão: a presença e atuação, tão desiguais, de homens e de mulheres na imprensa é simplesmente a reprodução de uma realidade de fato? Ou se trata de uma construção interessada que não reflete nossa sociedade?

A resposta poderia ser encontrada em Lefebvre (1983) quando ele afirma que o ‘concebido’ não é um reflexo direto do ‘vivido’, já que entre essas duas instâncias há um ‘intervalo’, uma ‘fissura’ que é preenchida por representações. Compreender, portanto, a relação entre vivido e concebido exige que se adentre no ‘mundo das representações’, dele se desprendendo, mediante uma análise crítica, retornando ao vivido para melhor elucidá-lo.

O início desse percurso nos leva aos diversos discursos sociais, devendo esses, serem compreendidos, ao mesmo tempo, como formas simbólicas e práticas sociais, que fazem parte integrante do contexto sócio-histórico. Os discursos têm, assim, “um papel fundamental na reprodução, manutenção ou transformação das representações que as pessoas fazem e das relações e identidades com que se definem numa sociedade...” (Pinto, 1999: 24).

Produzidos em contextos significativos, eles sofrem a influência de diversos fatores de ordem histórica, social e subjetiva, contendo uma heterogeneidade de textos, de imagens e de representações, que indicam a presença de vários registros e de posicionamentos sócio-ideológicos distintos, representados pelos diversos grupos e

classes que se confrontam permanentemente (Stam, 1993: 157-167).

Provenientes dos diversos sistemas simbólicos (arte, religião, linguagem), os discursos operam, simultaneamente, como instrumentos de conhecimento, de comunicação e de poder. O campo da comunicação é também uma arena onde

“as diferentes classes e frações de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para impor a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses...”

Essa luta

“pode ser conduzida diretamente, nos conflitos simbólicos da vida cotidiana, ou por procuração, por meio da luta travada pelos especialistas da produção simbólica (produtores a tempo inteiro) e na qual está em jogo o monopólio da violência simbólica legítima (...) quer dizer, do poder de impor – e mesmo de inculcar – instrumentos de conhecimento e de expressão (taxinomias) arbitrários – embora ignorados como tais – da realidade social” (Bordieu, 1998: 11).

Nesse campo de luta, atravessado por uma ‘pluralidade discursiva’, podemos identificar algumas “vozes dominantes, reconhecidas e estridentes da época” (Bakhtin, 1997: 89). São ‘vozes’ que povoam os discursos de maior legitimidade social, em dado contexto sócio-histórico. Neste trabalho focalizarei, especialmente, determinados discursos sobre gênero que ganharam importância nas sociedades ocidentais do século XIX – período caracterizado como rico em discussões e polémicas sobre questões de gênero, em razão das profundas mudanças que ocorreram nas sociedades européias ocidentais, a partir do desenvolvimento do capitalismo (Jago, 1998: 21-53).

A condição feminina passa, nessa época, a ser motivo de crescente interesse, sendo estudada e debatida por intelectuais, médicos, pedagogos e

moralistas, contribuindo para a formação de uma noção de feminilidade, sintetizada pela expressão “anjo do lar”, através de um conjunto de representações nas quais se valorizam a mulher caridosa, prestativa e generosa para com os outros. Essa nova visão, segundo Jagoe, irá contrapor-se à retórica misógina, de origem aristotélica, que havia sido, desde a Antiguidade, a base de todo pensamento sobre a mulher.

Na visão misógina, as mulheres eram associadas à imperfeição, à obscuridade e ao mal, prevalecendo esta idéia sobre o feminino até finais do século XVIII. Referindo-se a textos da imprensa espanhola, daquele século, Jagoe relata que os discursos sobre a mulher adjetivaram o feminino com

“diabruras misóginas que alegavam serem as mulheres, por natureza, malvadas, mentirosas, orgulhosas, presunçosas e voluntariosas, escravas de suas paixões e fontes de corrupção moral e espiritual”. (Jagoe, 1998: 25).

Para Jagoe, este discurso perde sua aceitação no século XIX, quando a burguesia liberal, preocupada com a moralidade, elege a mulher sua representante maior, adotando-a como “estandar-te e mascote da nova ordem social burguesa”.

“La preocupación com la moralidad, la virtud, el deber favorecía el desarrollo del capitalismo, porque reemplaza las normas de conducta impuestas por fuerzas externas por unas normas internalizadas, necesarias para una mano de obra dócil y automotivada. Pero lo que resulta importante resaltar desde una óptica feminista es que la obsesión burguesa com la moralidad se centraba en la mujer: era ella la que, desde el hogar, representaba y garantizaba la moralidad. La mujer virtuosa y doméstica es construída como el alma de la clase media, su centro moral, su conciencia...” (Jagoe, 1998: 27).

Para a autora, o que distingue o debate sobre o papel da mulher, no século XIX, não é tanto o conteúdo, pois as recomendações para que as atividades das mulheres se limitassem à esfera da casa e da reprodução inscrevem-se dentro de uma larga tradição patriarcal³. O que muda, portanto, não é a identificação da mulher com a esfera privada, mas os termos desta prescrição: o novo discurso da domesticidade funda-se numa retórica peculiarmente religiosa, convertendo a mulher em sacerdotisa do lar-santuário. Em um anjo ou santa que, como esposa e mãe, desempenha um culto ou missão, em vez de uma tarefa ou dever. Cria-se o que chega a ser uma série de tópicos – um tipo de catecismo burguês sobre a mulher e o lar, que se reproduz ao longo do século (Jagoe, 1998: 25).

Além da domesticidade, da abnegação, da capacidade infinita para o altruísmo e o perdão, a nova ortodoxia valorizava, como ponto supremo, a pureza sexual da mulher, afirmando sua natureza casta em virtude da falta de desejo erótico. Segundo a autora, essa visão apoiava-se no modelo da Virgem Maria, revalorizado pela proclamação da doutrina da Imaculada Conceição, em 1854 e pelo dogma da Virgem, anunciado em 1895, pelo Papa Leão XIII (Jagoe, 1998: 32). Essas idéias estão também presentes na sociedade brasileira, onde a Igreja católica exerceu, por muitos séculos, um domínio irrestrito, no campo simbólico, regulamentando a sexualidade e as relações de gênero.

Contudo, não obstante o peso conferido à religião na construção das representações de gênero, os escritos do século XIX sofreram também a influência da ciência positivista – fato que também ocorreu no contexto brasileiro⁴. Passando a utilizar a ‘natureza’, e não ‘Deus’ como argumento, a visão positivista dará primazia ao determinismo biológico e não mais à vontade divina, para explicar a conduta e o destino dos seres humanos e a posição da mulher em relação ao homem.

Convertendo a biologia e a anatomia ‘no destino’, os discursos da época afirmam que as

naturezas moral, mental e física, do homem e da mulher, decretam sua função social, definindo sobre onde devem estar e o que devem fazer da vida.

Outro aspecto relevante apontado por Jagoe, no que se refere às representações femininas, é o fato de que a maioria dos textos focaliza as mulheres no singular, atribuindo-lhes uma essência natural e única – o ‘eterno feminino’, através de um modelo de feminilidade que, de fato, abarcava apenas as mulheres da classe média, deixando de fora as mulheres das classes populares “que descuidavam da casa e dos filhos por seu trabalho extra-doméstico nas fábricas, nas ruas e nos campos” e as mulheres da classe alta que “confiavam seus filhos e babás e se dedicavam a desfrutar da vida social e do conforto material”. (Jagoe, 1998: 28).

As mulheres do século XIX, nas sociedades ocidentais européias são, dessa forma, classificadas mediante uma dicotomia que contrapõe o ‘anjo do lar’ às mulheres supostamente ‘depravadas’ das classes trabalhadores, ou às ‘frívolas’ das classes aristocráticas. Para estas mulheres, continuariam mais adequadas as representações da retórica misógina, mencionada anteriormente.

E os homens daquele contexto social, como eram representados pelos discursos burgueses? E, considerando-se o caráter relacional de gênero, que modelo ou modelos de masculinidade corresponderiam ao modelo feminino de ‘anjo do lar’?

O novo discurso de gênero do século XIX, fundado na crença de um ‘dimorfismo sexual exagerado’, afirmava a existência de uma diferença fundamental entre os sexos, que afetava ‘a cada fibra do corpo’ implicando profundas diferenças psíquicas e mentais (Jagoe, 1998: 29). Assim, enquanto a mulher associavam-se a sensibilidade, a subjetividade, o coração, as emoções, o mimetismo e o amor altruísta, ao homem, atribuía-se a razão, a objetividade, a criatividade, a agressividade e a ambição, proclamando não só uma diferença radical entre os sexos, mas a constituição de um modelo de gênero

assentado na oposição e na complementaridade de papéis e de qualidades, que poderá ser ilustrado pela poesia de Victor Hugo:

O homem é a mais elevada das criaturas. A mulher, o mais sublime dos ideais. Deus fez para o homem um trono. Para a mulher, fez um altar. O trono exalta, o altar santifica. O homem é o gênio, a mulher, o anjo. O gênio é imensurável, o anjo indefinível. A aspiração do homem é a suprema glória. A aspiração da mulher, a virtude suprema. A glória promove a grandeza. A virtude promove a divindade. O homem tem a supremacia, a mulher a preferência. A supremacia representa a força, a preferência representa o direito. O homem é forte pela razão. A mulher é invencível pelas lágrimas. A razão convence, as lágrimas comovem. O homem é capaz de todos os heroísmo. A mulher de todos os martírios. O heroísmo nobilita, o martírio purifica. O homem é um código, a mulher um evangelho. O código corrige, o evangelho aperfeiçoa. O homem é o templo, a mulher um sacrário. Ante o templo nos descobrimos, ante o sacrário nos ajoelhamos. O homem pensa, a mulher sonha. Pensar é ter força no cérebro. Sonhar é Ter na frente uma auréola. O homem é águia que voa. A mulher, o rouxinol que canta. Voar é conquistar o espaço. Cantar é conquistar a alma. O homem é o oceano. A mulher, o lago. O oceano contém pérolas que adornam. O lago tem a poesia que deslumbra. O homem tem um final, a consciência. A mulher tem uma estrela, a esperança. A consciência guia, a esperança salva. Enfim... O homem está colocado onde termina a terra. A mulher onde começa o céu⁵.

Reyero (1996), ao analisar imagens masculinas na literatura e na pintura do século XIX, conclui que é na sociedade burguesa do século XIX

que as diferenças entre masculinidade e feminilidade mais se acentuam, através da representação de papéis e de atributos sexuais polarizados e estereotipados. Para o autor, tais diferenças, elaboradas de forma relacional e hierárquica, conferem à masculinidade um caráter positivo, em contraposição à feminilidade, à qual se atribui um valor negativo:

‘El carácter positivo que se ha dado a la masculinidad se ha opuesto al negativo encarnado por el afeminamiento, considerado ‘el mayor obstáculo para el progreso humano’, que comprendía todo aquello asociado com la supuesta debilidad femenina.’ (Reyero, 1996: 45).

Reyero afirma também, em sua análise, que há uma maior valorização, na arte, da imagem masculina que da feminina. Ele atribui esse fato ao caráter ‘androcêntrico’, ‘falocêntrico’ e ‘hipermasculino’ da esfera artística no contexto europeu do século XIX. Assim, diz o autor:

“el número de dioses, heróes, faunos, emperadores, atletas, gladiadores o filósofos superaba com mucho al de diosas – venus casi exclusivamente – amazonas, ninfas o personajes históricos femeninos más o menos equívocamente identificados” (id, ibid: 16).

Segundo Reyero, a arte figurativa preocupou-se com a virilidade, interpretando-a através de valores como: valentia, energia, nobreza, força, vitalidade, atividade, protagonismo ou poder, que se materializaram em imagens de corpos varonis, que realçavam a musculatura e a perfeição das formas físicas, traduzindo, segundo ele, a crescente importância que o corpo vinha adquirindo nas sociedades ocidentais e que estaria, por sua vez, relacionada à ênfase concedida à visualização da cultura burguesa.

Os temas mais comuns, referentes aos papéis masculinos na arte pictórica decimonônica, retratam cenas relacionadas ao trabalho, ao es-

porte, às lutas e guerras, estando o trabalho, por sua vez, associado à força física, principalmente quando os personagens pertenciam às classes trabalhadoras. Nessas imagens, realçava-se, no corpo seminu, a força muscular, sugerindo vitalidade.

O homem viril era também indiscutivelmente heterossexual, estando o desejo sexual identificado de forma intrínseca à condição masculina. Como colora Reyero:

“existem muchas referencias en los tratados del siglo XIX através de los cuales es posible constatar que se atribuía las exigencias que la naturaleza imponía al varón, que siente con fuerza los impulsos sexuales, la obligación de demostrarlos con voracidad, de modo que se ve prácticamente condicionado, como algo inherente a su personalidad más que a su voluntad, a ser el iniciador activo de la relación sexual” (Reyero, 1996: 69).

Segundo o autor, a assimilação do conceito de virilidade, com o grau de potência sexual converteu-se em uma idéia obsessiva em todos os tratados médicos e educativos, chegando a ser uma preocupação quase neurótica para a sociedade masculina em geral (Reyero, 1996: 78).

A moral burguesa, porém, era contraditória. Se, por um lado, valorizava a imagem do homem hipersexuado, por outro, propunha a temperança sexual, principalmente no casamento, onde a sexualidade deveria estar a serviço da procriação. O refreamento das paixões viris chocava-se, assim, com o modelo de masculinidade no qual a potência sexual era a pedra angular (id ibid: 105). A resolução desse dilema se dava através da permissão, velada, para o exercício da sexualidade com base numa dupla moral, cabendo às prostitutas saciar a fome dos senhores aparentemente contidos e recatados.

Reyero faz também referência ao enobrecimento da situação doméstica e familiar e a uma maior valorização do afeto parental e do

amor conjugal, confirmando a importância da família nuclear para a sociedade burguesa. O papel exercido pela figura masculina, nesse contexto, é o de ‘pai de família’, trabalhador, provedor e protetor, preocupado com a esposa e com os filhos.

Esse homem – austero e contido (na aparência), honrado e respeitável, que conquista o espaço público, pelo trabalho e pela vida mundana, que é também chefe de família e seu provedor material – recebe como companheira, no discurso burguês, a mulher ‘anjo do lar’, ela dedicada à casa, zelosa e responsável pela família, principalmente do ponto de vista moral e afetivo. Essa complementaridade de papéis e de virtudes dos modelos de gênero burgueses pode ser ilustrada no texto abaixo:

El hombre, pues, que en el transcurso de los siglos ha hecho tan grandes descubrimientos, y realizado tantos prodigios con el sudor de su rostro con el trabajo parcial y colectivo de tantas generaciones. (...) necesitaba em medio de tantos afanes, de tan arduas tareas, y de tan graves cuidados, tener un aima, un genio dell bien, que se comunicase com la suya, y se consagrarse a hacer más dulces y apacibles los días de su vida.

Este genio del bien para el hombre ha sido y es la mujer: ella embellece, como antes he dichos, el árido camino que aquél recorre durante su perigrinación en la tierra. El encuentra en su dulce compañera ayuda en su trabajo, consuelo en sus afliciones, esperanza en sus quebrantos, valor en sus vicisitudes, resignación en su desgracia, solaz y contento en las horas de ocio. Ella despierta en su animo los grandes pensamientos, las acciones heroicas: ella es el estímulo que hace ambicionar la gloria así artística como militar o literaria: es tambien el movil de las gigantescas empresas y de los notables acontecimientos que han formado y formarán época en la historia⁶.

Caberia perguntar se esses modelos de gênero permanecem ainda nos discursos sociais da atualidade e, em caso positivo, que instâncias possibilitam a sua preservação e reprodução através dos tempos.

Antes de responder a essa pergunta, gostaria de reafirmar a postura que considera o campo da produção simbólica como uma instância complexa, em razão de se dar em contextos sócio-culturais caracterizados por um alto grau de diversidade, comportando conflitos, contradições etc. A produção, circulação e consumo das formas simbólicas são afetados por essa heterogeneidade, tanto em nível do ‘vivido’, como do ‘concebido’, negando a existência de uma consciência única. Por outro lado, não se pode desconhecer que, assim como o campo social, o campo simbólico é também um espaço permeado por relações de poder, onde alguns discursos ganham maior legitimidade do que outros, apresentando modelos, valores, regras e padrões sociais que servem de referência e de justificativa para a conduta dos sujeitos e grupos sociais.

Assim, há que se levar em conta a imensa força e resistência que determinados modelos culturais relativos à regulamentação do sexo e das relações de gênero têm exercido ao longo do tempo, buscando compreender como tais modelos destacaram-se de suas condições histórico-estruturais e permanecem (levemente alterados) adequados a estruturas sociais e contextos tão diversos.

Segundo Bourdieu (1999: 9-14), o sistema de oposição fundamental entre os sexos, tanto em nível das representações, como no âmbito das relações sociais, resulta de “um longo trabalho coletivo de socialização do biológico e de biologização do social” sobre corpos e mentes, provocando uma inversão na relação entre as causas e os efeitos, implicando uma “construção social naturalizada (os “gêneros” como ‘habitus’ sexuais), como o fundamento *in natura* da arbitrária divisão que está no princípio não só da realidade como também da representação da realidade e que se impõe às vezes à própria pesquisa”.

Para o autor, esse processo de naturalização é tão profundo que nem mesmo a tradição letrada do Ocidente (ele refere-se mais especificamente à psicanálise) tem consciência de que as estruturas cognitivas das sociedades atuais encontram-se enraizadas numa visão ‘falo-narcísica’ e numa ‘cosmologia androcêntrica’.

Bourdieu enfatiza, em seu estudo, o papel socializador das diversas instituições sociais e dos ‘especialistas da produção simbólica’, através das práticas de normalização do comportamento e da definição e redefinição dos modelos e papéis de gênero. Nesse processo, os diversos discursos sociais cumprem o papel de instrumentos de dominação simbólica, estabelecendo uma ordem ‘gnoseológica’: “o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social)...” (Bourdieu, 1998: 9). Na visão de Bourdieu, prevalecem, na sociedade, os sistemas simbólicos dos grupos dominantes, ainda que em meio a essa imposição seja possível vislumbrar a presença de conteúdos simbólicos dos grupos dominados. Isso, no entanto, só chega a acontecer se o sistema prevalecente de dominação política e simbólica não for colocado em risco (Miceli, 1992: LIII).

Já para Thompson (1995: 143), ainda que os produtos simbólicos contribuam para a socialização dos indivíduos, essa contribuição é parcial porque os sujeitos “são capazes de manter ao menos certa distância, tanto intelectual, como emocionalmente, das formas simbólicas que são construídas deles, para eles e ao seu redor.”⁷

Por isso Thompson critica as teorias que consideram ser a provisão e renovação contínua das formas simbólicas a garantia da submissão contínua dos indivíduos às regras e convenções normativas da ordem social. Ele argumenta que, mesmo considerando que certas formas simbólicas tenham um grande valor e que possam, em certas circunstâncias, servir para estabelecer, sustentar e reproduzir relações de dominação, as pessoas não são a soma total dos processos de socialização e inculcação, nunca

sendo, apenas, “atores que desempenham obedientemente papéis que lhes são prescritos”.

Para ele,

“... é parte de sua própria natureza, como agentes humanos, que elas sejam capazes, até certo ponto, de distanciar-se dos processos sociais aos quais estão sujeitas, de refletir sobre esses processos, de criticá-los, contestá-los, ridicularizá-los e, em certas circunstâncias, rejeitá-los.” (1995: 118-121).

Thompson, porém, admite que a relação contestatória com os processos de socialização não rompe necessariamente com a reprodução social. Isso acontece porque no curso de suas vidas cotidianas, as pessoas movimentam-se através de uma multiplicidade de contextos sociais e estão sujeitas a pressões e processos sociais conflituosos, fazendo com que a rejeição a um conjunto de valores e normas possa coincidir com a aceitação de outro, ou facilitar sua participação em atividades sociais que servem *ipso facto* para reproduzir o *status quo*.

Assim, diz o autor:

“A prevalência de atitudes céticas e cínicas e a rejeição de valores e crenças propagadas pelas agências principais de socialização não representam, necessariamente, um desafio à ordem social. Ceticismo e hostilidade estão, muitas vezes, contaminados com valores tradicionais e conservadores, e são, muitas vezes, temperados com um sentido de resignação. As divisões se ramificam ao longo de linhas de gênero, etnia, habilidades etc., formando barreiras que obstruem o desenvolvimento de movimentos que poderiam ameaçar o *status quo*” (Thompson, 1995: 122).

Após essas considerações, podemos voltar à questão levantada anteriormente, perguntando-nos sobre a permanência ou não dos modelos de gênero mencionados neste trabalho.

Como disse anteriormente, a constatação da existência de uma riqueza de aspectos envolvendo o processo de produção e de significação das formas simbólicas tem direcionado os estudos culturais para uma perspectiva que se fundamenta numa visão de complexidade e que admite a dificuldade de se produzir respostas simplificadas sobre essa questão.

Vimos que o campo de produção simbólica comporta uma multiplicidade de discursos e que tais discursos podem ganhar poder e legitimidade em determinados contextos sócio-culturais, para perdê-los em outros. Podem ter força simbólica para certos grupos e, em contrapartida, serem desqualificadas por outros. Como exemplo, poderia citar um estudo sobre representações de gênero, em programas radiofônicos de grande aceitação pelas classes populares⁸, nos quais os modelos identitários burgueses são poucos enfatizados, prevalecendo, no que se refere às representações femininas, uma visão misógina, mais presente em outros contextos sócio-discursivos. Quanto aos modelos masculinos reproduzidos, estes também estão longe de representar o homem austero e provedor da família nuclear burguesa.

Além de serem produzidas em meio a uma heterogeneidade de fatores (e também recebidas nas mesmas circunstâncias) as representações são permanentemente ressignificadas e traduzidas através de linguagens que, tanto podem reforçar estereótipos, como desconstruí-los, tanto podem inverter hierarquias, como reafirmá-las, ou apresentar incongruências e ambigüidades.

Concluindo, o processo de produção simbólica não deve ser compreendido como um processo homogêneo em termos de sentido. Tampouco, em termos de poder, como simples reprodutor da dominação pois, nesse palco permeado pela 'heteroglossia', estão presentes de forma conflituosa e contraditória, muitas 'vozes', podendo-se reconhecer tanto aquelas que ressoam com maior força, e que representam pontos de vista dominantes, como outras proscritas socialmente, mas que ainda resistem ao tempo e aos processos de socializa-

ção⁹ e também mais outras, "ainda fracas, idéias não ainda inteiramente manifestadas, idéias latentes não auscultadas por ninguém (...) embriões de futuras concepções do mundo", como diz Bakhtin (1997: 89), e que guardam um potencial utópico de transformação. Dentre estas últimas, podemos identificar as diversas vozes que representam os movimentos sociais contemporâneos. Algumas delas, como as dos sujeitos do feminismo, já superaram a fase embrionária, e crescem cada vez mais fortalecidas, denunciando a violência simbólica que se exerce nas relações sociais, em geral, e nas relações de gênero, em particular.

Bibliografia

BAKHTIN, Mikhail (1997). *Problemas da Poética de Dostoievski*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

BOURDIEU, Pierre (1998). *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

_____ (1999). *A dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

HABERMAS, Jürgen (1984). *Mudança estrutural da esfera pública – investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

HAHNER, June E. (1978). *A Mulher no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

INSTITUT Catalá de la Dona/ Associació de Dones Perلودistes de Catalunya – "Gènere i Informació – Radiografia d'una absència/ Informació Esportiva: Només per a ells", Barcelona, febrero de 1998.

JAGOE, Catherine et al (1998). *La mujer en los discursos de genero – textos y contextos en el siglo XIX*. Barcelona: Icaria.

LAQUEUR, Thomas (1994). *La construcción del sexo – cuerpo y genero desde los griegos hasta Freud*. Valencia (E): Cátedra.

LAURETIS, Teresa de (1994). "A Tecnologia do Gênero". In HOLANDA, Heloisa B. de (org). *Feminismo como Crítica da Cultura*. Rio de Janeiro: Rocco.

_____ (1992). *Alicia ya no – Feminismo, Semiótica*. Cine. Madrid: Cátedra, Col. Feminismos.

LEFEBVRE, Henri (1983). *La presencia y la ausencia – Contribución a la teoría de las representaciones*. México: Fondo de Cultura Económica.

LORAU, Nicole (1988). *Maneiras Trágicas de Matar uma Mulher – imaginário da Grécia Antiga*. Rio de Janeiro: Zahar.

MICELI, Sergio (1992). "A Força do Sentido". In BORDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.

MICHEL, Andrée (1991). *Não aos Estereótipos! Vencer o Sexismo nos livros para crianças e nos manuais escolares*. São Paulo: Conselho da Condição Feminina/ Paris: UNESCO.

PINTO, Milton José (1999). *Comunicação e Discurs – Introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hacker Editores.

REYERO, Carlos (1996). *Aparência e Identidad Masculina – desde la ilustración al decadentismo*. Madrid, Cátedra.

SCOTT, Joan (1989). "Gênero: uma Categoria útil para Análise Histórica" Tradução do texto original: "Gender: na useful Category of Historical Analyses". In *Gender and the Politics of History*. New York: Columbia University Press. Por Christine R. Dabat e Maria Betânia Ávila, S.O.S. Corpo – Recife.

STAM, Robert (1993). "Mikhail Bakhtin e a crítica cultural de esquerda". In HAPLAN, e. Ann (org.) *O Mal-estar no Pós-Modernismo – Teorias, Práticas*. Rio de Janeiro: Zahar.

THOMPSON, John B. (1995). *Ideologia e Cultura Moderna – Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes.

Notas

- 1 O estereótipo pode ser definido como uma tendência à padronização, com a eliminação das qualidades e diferenças individuais, mediante uma generalização abusiva e uma simplificação extrema que implicam a distorção da realidade (Michel, 1991: 17-18).
- 2 Afirmando a historicidade do conceito de representação, Lefebvre, em sua obra *La presencia y la ausencia* (1983), se propõe contribuir para a teoria das representações mediante uma reflexão crítica sobre diversas concepções de representação no âmbito da filosofia, da sociologia, da lingüística e da psicanálise. A crítica de Lefebvre se dirige principalmente ao Logos europeu de origem cartesiana, a partir da problematização de alguns pressupostos epistemológicos como, por exemplo, a relação entre sujeito e objeto, entre ser e pensamento e entre o "concebido" e o "vivido". Em sua crítica à postura positivista, Lefebvre afirma o caráter (também) subjetivo das representações, dizendo que estas não podem reduzir-se a objetos sensíveis ou sociais, 'muito menos a coisas'. Lefebvre recusa também a completa identidade entre ser e pensamento, afirmando que entre estas duas categorias há um intervalo, 'uma fissura', que é preenchida pelas representações. Segundo Lefebvre, ao reduzir a vivência ao pensamento, a postura cartesiana estaria supervalorizando o 'concebido' em detrimento do 'vivido'. Questionando essa postura, Lefebvre propõe um trajeto que se inicia na vivência, mas que dela emerge, construindo, nesse trajeto um saber que deve regressar à vivência, não para submetê-la, mas para intensificá-la, valorizá-la.
- 3 As representações que associam o feminino à esfera privada, apresentando o espaço doméstico como lugar obrigatório para a mulher, nos levam à Grécia Antiga, em que a casa *oikos* e a família correspondem à esfera privada; e a vida política, que se desenrola em outros espaços da *polis*, corresponde à esfera pública, da qual só podiam participar os homens proprietários de bens imóveis e que dispunham de escravos para o trabalho produtivo. O público e o privado, na Grécia Antiga, eram espaços organizados em oposição e dispostos numa rígida hierarquia, conferindo-se à esfera pública uma superioridade.

dade incontestável. Enquanto a esfera pública destacava-se como um reino da liberdade e da continuidade (Habermas, 1984: 16), a esfera privada permanecia mergulhada nas sombras (id ibid). Era no *thálamos* – retiro recôndito da casa – que se processava o enraizamento espacial das mulheres. E desse local bem fechado, só saíam quando mortas. A vida das mulheres se realizava de forma silenciosa e invisível. E somente quando jaziam inertes, em seu retiro, abriam-se as portas de sólidos ferrolhos. “Admirável jogo do visível e do oculto, em virtude do qual não se vê a morte de uma mulher, mas somente uma mulher morta” (Loraux, 1988: 48-51).

- 4 Hahner (1978), em seu artigo, *O Culto à Santa Mãe – a versão Positivista*, mostra a influência mútua entre o discurso religioso e a ciência positivista, na construção de modelos de feminilidade, afirmando que também no Brasil, os positivistas enalteceram a mulher, concebendo-a como ‘base da família’ (e esta como pedra fundamental da sociedade), apresentando-a como moralmente superior ao homem, por sua maior perseverança no controle da sexualidade e pela submissão à opressão masculina.
- 5 Esta poesia foi publicada no jornal Diário do Nor-

deste, em 27 setembro de 1991. Procurei a sua referência bibliográfica, mas não obtive sucesso. Não quis, contudo, deixar de reproduzi-la.

- 6 Rubio, Francisco Alonso – *La mujer bajo el punto de vista filosófico, social y moral: sus deberes en relación con la familia y la sociedad*, Madrid: Gamayo, 1863 apud Jagoe, 1998: 67-68.
- 7 É possível perceber, nas interações verbais e relações do cotidiano, discrepâncias e contradições entre o que é dito pelos sujeitos e sua conduta individual. No que se refere aos modelos de gênero, tanto é comum encontrarmos posições conservadoras nas falas e ao mesmo tempo transgressoras na prática, como vice-versa.
- 8 Trata-se de uma análise sobre as representações de gênero no contexto de dois programas radiofônicos de Fortaleza: o programa *João Inácio Jr.* e o programa *Nas garras da patrulha*, ambos apresentados pela Rádio Verdes Mares-AM. A pesquisa foi realizada no período de 1988 a 2001 e seu resultado é apresentado em minha tese de doutorado.
- 9 Refiro-me ao exemplo dado anteriormente, sobre os programas radiofônicos analisados em minha tese.